

## 187 - A EXPERIÊNCIA DE RECUPERAÇÃO PÓS HOSPITALIZAÇÃO DOS MOTO-BOYS ACIDENTADOS QUE ESTIVERAM INTERNADOS NO HPS DE PORTO ALEGRE

Andréa Márian Veronese [\[1\]](#)

Thais Donato [\[2\]](#)

Dora Lúcia Leidens Correa de Oliveira [\[3\]](#)

### Resumo

Esta pesquisa está incluída no Programa de Iniciação Científica da UFRGS que financia uma bolsista. É alocada no Núcleo de Estudos Culturais e Sociais da Escola de Enfermagem da mesma universidade. O estudo foi motivado por inserir-se num campo investigativo ainda pouco explorado: o estudo de acidentes de trânsito envolvendo motociclistas. Atualmente, cerca de 23% dos acidentes de trânsito em Porto Alegre envolvem motocicletas. Uma investigação anterior sugeriu que grande parte dos motociclistas acidentados que precisaram ficar internados no HPS de Porto Alegre, em função da gravidade das suas lesões, trabalha como moto-boy e que a maioria dessas lesões é de natureza traumatológica, necessitando de cuidados especializados e de natureza lenta (VERONESE; ELLWANGER; OLIVEIRA, 2002). Considerando-se a natureza das lesões, também comprovada em estudos de Koizumi (1990) com acidentados motociclistas, aqueles que recebem alta hospitalar não estão completamente recuperados. Seguidamente os pacientes são referenciados a hospitais gerais para a realização de cirurgias. O risco de seqüelas é, um dos aspectos mais marcantes desta experiência, não só porque seqüelas podem limitar as atividades no âmbito das interações sociais mais gerais, mas porque, no caso dos moto-boys, elas podem reduzir a capacidade para (ou mesmo inviabilizar permanentemente) o trabalho. O objetivo deste trabalho é conhecer a experiência de recuperação, no período pós-hospitalização, dos moto-boys acidentados que precisaram ficar internados no HPS de Porto Alegre em virtude da gravidade das suas lesões, considerando suas vivências enquanto indivíduos expostos ao risco de seqüelas e incapacidades para o trabalho. A abordagem do estudo é qualitativa. As informações foram coletadas através de entrevistas individuais semi-estruturadas. O tamanho da amostra (15 moto-boys) foi definido de acordo com o critério de saturação dos dados (DENZIN; LINCOLN, 2000). As entrevistas foram gravadas sob o consentimento dos sujeitos do estudo e transcritas. Foi realizada uma análise de conteúdo temática. Até o momento da realização deste relatório foram realizadas 2 entrevistas das 15 pré-estabelecidas no projeto desta pesquisa. Estas 2 entrevistas possibilitaram conhecer alguns aspectos experiência de recuperação no período pós-hospitalização do moto-boy acidentado. Estes aspectos que discutiremos a seguir se referem ao processo de recuperação dos pacientes, ao seu atendimento pelo Sistema Único de Saúde e às seqüelas físicas e sociais decorrentes do acidente de trânsito e do atendimento que receberam. A análise preliminar dos dados coletados revela que os entrevistados ainda não se recuperaram do acidente sofrido há mais de um ano atrás.

Eu até agora não consegui me recuperar devido ao encaminhamento que eu tive do HPS para o Hospital P.(...) tô com sequelas graves na perna agora, por causa da cirurgia que foi feita de forma errada (Moto-boy 1).

A real é que eu não me recuperei até hoje (...) fiz uma cirurgia e ela não ficou bem (...) eu tô esperando me chamarem de novo pra fazer uma nova cirurgia (Moto-boy 2).

As cirurgias mal feitas e a demora na realização de procedimentos necessários para uma adequada recuperação são pontos levantados pelos entrevistados como responsáveis pelas incapacidades e seqüelas que estão apresentando mesmo depois de transcorrido todo esse tempo de acidente. A impotência dos usuários do Sistema Único de Saúde fere os princípios deste sistema que é o de participação da comunidade (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 2002).

(...) agora eu vou conversar com o meu médico (...) e tentar ver por outros meios, porque tá passando muito tempo, eu tô desde outubro pra fazer essa cirurgia (...) e até agora nada, não consegui resolver nada. (Moto-boy 1)

Faz mais de 7 meses que eu tô esperando [uma cirurgia], nunca tem leito e cada hora eles inventam uma desculpa. (Moto-boy 2)

A falta de resolutividade do SUS obrigou os entrevistados a procurarem serviços particulares para tentar resolver seus problemas de saúde.

(...) eu fiz a cirurgia e tudo, daí o médico me deu alta, só que eu tava sentindo dores, eu vi que não tava legal, aí eu procurei outro médico [particular] e me disserem que eu precisava fazer uma outra cirurgia, então eu tô esperando (...) uma outra cirurgia (Moto-boy 2).

Os entrevistados referiram sentir-se incapazes para o retorno ao trabalho, obrigando-os a sustentar-se com renda proveniente do Instituto Nacional de Seguridade Social, a qual, segundo os entrevistados, é insuficiente.

Tu está trabalhando? (Entrevistadora)

Não tô trabalhando, estou assegurado no INSS pela pizzaria que eu trabalhava antes (Moto-boy 1).

To recebendo uma micharia. É, eu trabalhava por comissão, daí tô recebendo só o salário (Moto-boy 2).

Os depoimentos por hora levantados sugerem a real necessidade de uma reavaliação da forma como são prestados os atendimentos a esses indivíduos, bem como a qualidade e eficiência dos serviços a os quais são encaminhados pelo Hospital de Pronto Socorro. A qualidade e a demora do atendimento dos serviços pode inclusive colaborar para conseqüentes seqüelas aos pacientes. Ambos os pacientes concordam que suas as seqüelas vão além dos problemas físicos, já que estes jovens (menos de 30 anos) também não podem retornar ao trabalho, provavelmente também passem por privações econômicas e dependam de familiares para sustentarem-se. Ambos os pacientes entrevistados referiram isto.

Tu achas que a forma como tu foste atendido nestes hospitais e esses encaminhamentos que demoram estão influenciando na tua recuperação? (Entrevistadora).

Com certeza, médicos já me disseram isso, dependo do SUS, então tenho que ficar esperando (Moto-boy 2).

O Dr. X fez uma cirurgia que não era adequada para o tipo de fratura que eu tinha e agora eu tô tendo sérios problemas por causa disto (...) porque eu perdi três meses de tratamento (...) eu troquei de médico, tive que fazer cirurgia de novo, colocar um outro tipo de aparelho, fiquei um ano e, no entanto até agora eu não consegui me recuperar, sabe, (...) se eu tivesse feito um tratamento adequado, de saída, eu teria me recuperado mais rápido. (Moto-boy 1)

As entrevistas realizadas até agora caracterizaram que os moto-boys que acidentaram-se no ano de 2002 ainda sofrem conseqüências negativas de um acidente de trânsito, agravadas pelo mau atendimento dos serviços de saúde.

E hoje como é que tu tá? (Entrevistadora)

Hoje eu tô aqui com uma tala de gesso na perna andando de muletas, eu não consigo apoiar, soltar peso nessa perna, apoiar o pé no chão, eu tô esperando mais umas cirurgias que eu preciso fazer no meu joelho porque eu não tenho firmeza nenhuma na perna, isso já fazem dois anos (Moto-boy 1).

Hoje eu tô andando de muleta ainda, com duas muletas né, o médico pediu prá mim continuar andando, não posso andar sem. Só que eu não agüento mais andar com duas muletas, eu tô andando com uma só, é muito cansativo, muito estressante é ruim pra tudo, continuo na mesma (Moto-boy 2).

[...] não tenho como trabalhar [...] não consigo dobrar os joelhos. Não posso fazer fisioterapia, não posso fazer nada, porque eu não fiz a cirurgia ainda, se eu começar a forçar o meu joelho pode machucar mais ainda. A fisioterapeuta me disse (Moto-boy 2).

Esta análise é preliminar e sofrerá alterações e implementações a partir de outras entrevistas que estão sendo realizadas. Os dados analisados estão permitindo o conhecimento da realidade que não é assistida por profissionais de saúde que trabalham em hospitais de pronto-socorro, que é a experiência de recuperação de moto-boys acidentados no período pós-hospitalar. Os resultados preliminares da pesquisa estão sendo satisfatórios, visto que está sendo possível conhecer a experiência de recuperação dos moto-boys acidentados que precisaram ficar internados no HPS.

### **Referências Bibliográficas**

- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 30 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Handbook of qualitative research. 2 ed. London: Sage, 2000.
- KOIZUMI, Marie Sumie. Natureza das lesões nas vítimas de acidentes de motocicleta. Tese de livre-docência. Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo, 1990.
- VERONESE, Andréa M; ELLWANGER, Luciana; OLIVEIRA Dora L. L. C. Caracterização do motociclista acidentado internado no HPS entre junho e agosto de 2002. Porto Alegre, 2002. (Não Publicado).

## Notas de Rodapé

[1] Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre – RS  
andreamv@terra.com.br - Rua Comendador Castro, 140 – Ipanema - 91.720-200 – Porto Alegre - RS

[2] Acadêmica de Enfermagem da EEUFRGS

[3] Enfermeira, Professora, Doutora em Educação, EEUFRGS

---

Creutzberg M, Funck L, Kruse MHL, Mancia JR, organizadores. Livro-Temas do 56º Congresso Brasileiro de Enfermagem; Enfermagem hoje: coragem de experimentar muitos modos de ser [livro em formato eletrônico]; 2004 Out 24-29 [capturado 13 Abr de 2006]; Gramado (RS), Brasil. Brasília (DF): ABEn; 2005. Disponível em: <http://bstorm.com.br/enfermagem>. ISBN 85-87582-23-2